



VEM AÍ UMA MARATONA TEATRAL

De 29 de julho a 16 de agosto, o 2º Festival de Teatro do Rio ocupa os teatros Riachuelo e TotalEnergies com 19 espetáculos. Nomes consagrados como Lília Cabral, Marco Nanini, Eduardo Moscovis e Grupo Galpão dividem a programação com jovens talentos que estão reinventando a linguagem teatral. O Galpão abre o evento com '(Um) Ensaio Sobre a Cegueira' (foto), baseada no romance do português José Saramago. Páginas 2 e 3

A cidade que respira teatro

*O Motociclista no
Globo da Morte*

2º Festival de Teatro do Rio chega com 19 espetáculos e mostra inédita

AFFONSO NUNES

A partir desta quarta-feira (29) e até 16 de agosto os teatros Riachuelo e TotalEnergies recebem a segunda edição do Festival de Teatro do Rio, que amplia seu recorte para abrigar uma nova geração de artistas. A curadoria selecionou a dedo 19 espetáculos que reafirmam o teatro como território de encontro, risco e reinvenção numa programação que reúne nomes consagrados da dramaturgia brasileira e uma mostra inédita, batizada de Nova Cena, dedicada a artistas emergentes de uma nova geração das artes cênicas.

É animador em ver um festival de teatro crescer. Não só pelo número de espetáculos ou pela quantidade de ingressos vendidos, mas na aposta cons-

ciente em abrir espaço para o que ainda está se formando.

Produzido pela Aventura, de Aniela Jordan e Luiz Calainho, com curadoria e direção geral de Maria Siman, o festival chega à segunda edição com a ambição de se firmar como um marco no calendário cultural da cidade. E, pelo que se anuncia, o caminho escolhido não é o da repetição de fórmula, mas o da expansão calculada: são 19 peças ao longo de 20 dias, em dois palcos, com ações formativas para movi-

mentar o público e toda a cadeia criativa do teatro carioca.

A grande novidade deste ano é a Sala Nova Cena, espaço intimista montado dentro do Teatro TotalEnergies exclusivamente para receber montagens de grupos e artistas em ascensão. “A proposta é trazer jovens artistas e criadores que estão renovando a linguagem e despontando na cena teatral. Queremos abrir uma janela para a vitalidade, a diversidade e a reinvenção constante do nosso teatro”, explica Maria Siman,

que selecionou cinco trabalhos que dialogam com diferentes linguagens e inquietações contemporâneas.

Entre eles, destaca-se “O Dinossauro de Plástico”, primeiro solo de Rafael Saraiva, com direção de Barbara Duvivier e texto de Gustavo Vilela. O monólogo ficcional — que já acumulou duas temporadas com ingressos esgotados — explora o limiar entre sanidade e loucura com humor e leveza, em uma travessia delicada que promete envolver o público. Já “Aqueles que Deixam



Omelas”, com João Pedro Zappa e direção de João Maia P, parte do célebre conto homônimo de Ursula K. Le Guin (1929-2018) — uma fábula moral filosófica que expõe as contradições de uma cidade aparentemente feliz que esconde um segredo trágico. A escolha do texto, que carrega uma potente reflexão sobre ética e cumplicidade coletiva, diz muito sobre o tipo de teatro que a mostra quer abrigar: aquele que não tem medo de fazer perguntas incômodas.

Completam a programação da Nova Cena “Na Quinta Dor”, com Dora de Assis, que investiga com leveza os impactos que o corpo so-

fre e o que permanece nele; “1 Peça Cansada”, com Natasha Corbelino, em duas sessões no mesmo dia; e “O Buraco”, com dramaturgia de Bernardo Coimbra e João Miller, direção de Stella Rabello e nove atores em cena — uma comédia absurda que abre seu processo criativo ao público em ensaio aberto com entrada gratuita. É um gesto raro e generoso: deixar o público espiar a cozinha do teatro antes do prato pronto.

Fora da mostra, a programação principal reúne montagens consagradas por crítica e público. “Balada da Louca”, solo em que Lília Cabral revive Rita Lee sob direção de De-

bora Dubois, chega ao Rio após temporada completamente esgotada em São Paulo — e a expectativa é a mesma por aqui. “Fim de Partida”, de Samuel Beckett, com Marco Nanini dirigido por Rodrigo Portella ao lado de Guilherme Weber, Ary França e Helena Ignez, também desembarca na cidade depois de encher teatros e colher elogios da crítica paulista.

O festival também reserva espaço para reencontros. “O Moto-ciclista no Globo da Morte”, com Eduardo Moscovis — recém-premiado com o Shell de Melhor Ator por este trabalho — volta ao Rio em duas apresentações. Com texto de

Leonardo Netto e direção de Rodrigo Portella, o solo expõe a violência humana sem jamais espetacularizá-la, num equilíbrio raro entre tensão e contenção que a crítica chamou de “aula de teatro”.

“Mulher em Fuga”, com Malu Galli e Tiago Martelli, inspirado na obra do escritor francês Édouard Louis, aborda desigualdade social, trabalho invisível feminino e violência estrutural — temas que Malu Galli, em entrevista recente, resumiu com precisão: “Existe um sistema que invisibiliza a mulher”.

Já “Deserto”, dirigido e escrito por Luiz Felipe Reis, parte da vida e da obra do chileno Roberto Bolaño

para indagar sobre a viabilidade da criação artística em meio à violência e à opressão.

A abertura do festival fica por conta de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira”, do histórico Grupo Galpão, com direção de Rodrigo Portella — uma montagem que transporta a parábola de José Saramago para o palco com a poesia física que marca o grupo mineiro há quatro décadas.

A programação ainda inclui “Como um Palhaço”, de Helena Bittencourt e Goos Meeuwsen, que desconstrói a imagem clássica do palhaço em múltiplos significados; “Um Sim à Vida”, com a filósofa e poeta Viviane Mosé dirigida por Lee Taylor, relacionando a imensidão do universo à finitude humana; “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, inspirado na obra de Ailton Krenak; “Negra Palavra: Poesia do Samba”; “A Menina Escorrendo dos Olhos da Mãe”, de Daniela Pereira de Carvalho, com Guida Vianna e Silvia Buarque, que investiga a relação entre três gerações de mulheres; “Meu Corpo Está Aqui”; “A Pediatra”, adaptação do best-seller de Andréa Pachá; e “Histórias do Porchat”, com Fábio Porchat, em duas sessões no mesmo sábado.

“Ficamos felizes com o sucesso do festival ano passado. Não somente com os espetáculos lotados, mas também com todo o interesse e os debates com nossas ações formativas, com uma plateia diversa e atenta. A ideia com o festival é mesmo mobilizar a cena teatral carioca, fomentar a produção e também dar uma contribuição na formação de novas plateias”, diz Aniela Jordan. As ações formativas — batizadas de Palco 360, com debates, encontros e oficinas — serão anunciadas em breve, mas já sinalizam o compromisso do evento com algo que vai além da exibição: a sustentabilidade do fazer teatral.

Numa cidade que respira teatro mas muitas vezes carece de eventos que congreguem sua cena de forma ampla e generosa, o 2º Festival de Teatro do Rio acerta ao não se contentar com o já consagrado. Ao lado de Lília, Nanini, Moscovis e Galpão, a Nova Cena ocupa seu lugar — e lembra que todo grande artista um dia foi uma aposta.

SERVIÇO

2º FESTIVAL DE TEATRO DO RIO

De 29/7 a 16/8

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 — Centro) e Teatro TotalEnergies (Rua do Russel, 804 — Glória)

Programação completa e ingressos: www.festivaldeteatrodorio.com.br

Ingressos pelo www.ingresso.com: a partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Mostra Nova Cena — Sala Nova Cena (Teatro TotalEnergies): “O Buraco” tem entrada gratuita, com ingressos liberados às 18h30 do dia da apresentação

Talento tão grandioso quanto 'A Odisseia'

Vilão no épico de Christopher Nolan que não para de lotar salas, Robert Pattinson amplia seu prestígio ao travar parceria com diretores autorais de peso, entre eles Fernando Meirelles

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Imã de ódio entre as multidões que consolidaram "A Odisseia" como um dos dez títulos de maior bilheteria do ano, no papel do escroque Antínoo, o ator inglês Robert Douglas Thomas Pattinson vive um 2026 de ar inveja a qualquer astro, nas mais variadas latitudes profissionais de uma carreira popularizada em "A Saga Crepúsculo" (2008-2012). Interpretar (e muito bem) o vilão do longa-metragem do momento é só parte de sua consagração atual.

Em maio, ele fez 40 anos e, pouco antes de aniversariar, teve o primeiro acerto comercial do ano: "O Drama". Sua química com a atriz Zendaya lotou as salas que exibiam essa comédia dramática sobre rinhas morais. Orçada em US\$ 28 milhões, ela faturou US\$ 132 milhões. No fim de semana passado, conforme essa DR em forma de cinema emplacava audiência em streamings, foi anunciada a inclusão de um de seus trabalhos mais esperados, "Primetime", de Lance Oppenheim, na competição pelo Leão de Ouro do 83º Festival de Veneza.

Oscar é a palavra que mais cerca seu desempenho, na boataria acerca da passagem desse thriller jornalístico pelo Lido, a sede do certame veneziano, que vai de 2 a 12 de setembro. Seu papel é o de um âncora de TV que caça predadores sexuais.

A mesma expressão ligada à estatueta dourada da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana circunda as apostas em torno do épico de Christopher Nolan no qual Pattinson conspira contra Odisseu (Matt Damon) para ficar com a rainha Penélope (Anne Hathaway). Faz ruindade a rodo para alcançar seus objetivos. "As pessoas que pagam ingresso para ver os meus filmes me olham no olho e enxergam a minha arte. Construo meus trabalhos buscando referências que conversam com a minha cinefilia", disse o ator ao Correio da

Jens Koch/Berlinale.de



Robert Pattinson no clique de ensaio com Jens Koch, fotógrafo oficial da Berlinale, em 2025



Pattinson pode ganhar o Oscar por 'Primetime'

A24

Divulgação



Um visual distinto caracteriza Pattinson em 'Duna 3'

e seu clone.

"Bong tem uma forma única de extrair riso de ações físicas de seus personagens, como eu o vi fazer em 'Memórias de um Assassino', e tentei me sintonizar com isso. O assustador de 'contracenar' consigo mesmo é que você não tem a medida de ritmo, pois faz uma parte da cena sozinho, e, depois, faz a outra. Usei elementos dos animes japoneses ao interpretar para encontrar um tom meu", disse Pattinson em resposta ao Correio na abarrotada coletiva de imprensa de "Mickey 17" na 75ª Berlinale, no dia 15 de fevereiro de 2025, quando a produção orçada em cerca de US\$ 110 milhões fez sua pré-estreia internacional de luxo.

Sua sessão de gala foi ovacionada e a sessão de imprensa também rasgou corações. Havia gente acampada na porta do hotel Hyatt, uma das sedes do Festival de Berlim, para ver a chegada de Pattinson e sacar uma foto de um ator que, em

Universal Pictures



O escroque Antínoo (Pattinson) é o vilão de 'A Odisseia'

2022, assumiu a identidade secreta de Bruce Wayne em "Batman", de Matt Reeves. A parte dois está atrasada faz tempo, mas já está marcada para 2028. Sebastian Stan será Harvey Dent, promotor que, nas HQs, transforma-se no vilão Duas Caras, ao enlouquecer após sofrer um atentado com ácido no rosto. Scarlett Johansson estará em cena também, num papel ainda não confirmado.

Antes de "Batman II" fechar suas filmagens, Pattinson terá um outro potencial blockbuster para mostrar ao circuito: "Duna 3", de Denis Villeneuve, em que interpreta Scytale. Tem outro longa com ele para vir este ano, o thriller "Here Comes The Flood", via Netflix, que tem um detalhe brasileiríssimo: a presença do paulista Fernando Meirelles na direção.

O cineasta por trás de "Cidade de Deus" (2002) convocou Pattinson para contracenar com Denzel Washington numa narrativa em torno de um assalto. Com caminhos abertos em muitas frentes, o ator pode galgar uma fase de apogeu. E merecida.

No Brasil, Wendell Bezerra virou sua voz oficial nas dublagens de seus longas e, num depoimento ao Correio, destacou o quanto ele é perseverante: "Depois do enorme sucesso de 'Crepúsculo', Pattinson percebeu rapidamente que poderia ficar preso à imagem daquele personagem. Em vez de seguir apenas por esse caminho, optou por buscar papéis mais desafiadores em produções menores, mas artisticamente muito mais ousadas. Fez filmes como "Bom Comportamento" e vários outros trabalhos independentes, sempre compondo personagens radicalmente diferentes entre si, com sotaques, gestos, maneiras de falar e perfis psicológicos muito distintos. É justamente isso que faz dele um dos atores mais difíceis — e também mais gratificantes — de dublar. Pattinson interpreta de forma extremamente orgânica. Ele não parece estar reproduzindo um texto decorado; dá a impressão de que está construindo cada pensamento no momento da cena", diz Wendell, um dos dubladores mais respeitados do país. "Depois de mais de quatro décadas de carreira, posso dizer que Robert Pattinson está entre os melhores atores que já tive a oportunidade de acompanhar de perto".

Daí tanto prestígio.

Manhã pouco antes de filmar "Tenet", com Nolan, em meio à passagem da produção EUA x Brasil "O Farol" pelo Festival de Cannes, em 2019.

Ali, o caminho de Pattinson já havia se afastado dos vampiros de "Crepúsculo" há pelo menos uns sete anos. No início de sua fama, quando parecia fadado a ser galã, ele driblou rótulos e foi procurar o canadense David Cronenberg, com quem filmou "Cosmópolis" (2012) e "Mapas Para As Estrelas" (2014). Em 2017, "Bom Comportamento",

dos irmãos Josh e Benni Safdie, no qual fazia um ladrão sem caráter, sucateou de vez as gavetas onde os estúdios almejavam mantê-lo confinado. Passou ainda por outras vozes autorais transgressoras de quilate alto: Claire Denis (em "High Life") e James Gray (em "Z – A Cidade Perdida"). Há um ano, apareceu na tela grande sob a direção do aclamado artesão sul-coreano oscarizado por "Parasita": o diretor Bong Joon Ho. Fizeram a ficção científica "Mickey 17", hoje na HBO Max, na qual Pattinson vivia o protagonista

Ganhador do Grande Prêmio do Júri na Berlinale 2025, filme do pernambucano Gabriel Mascaro ambientado em solo amazônico volta às telas em projeto da rede UCI

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Tá osso a saúde para a produção nacional atrair a atenção das plateias e levar o público a comprar ingresso neste 2026 de vacas magras para a nossa filmografia, o que torna muito bem-vinda a ação da rede UCI neste início de semana. Seus multiplexes no Rio, nesta segunda e nesta terças, trarão sucessos e cults de 2025 de volta. Esta ação, nestes dias 27 e 28 de julho, leva o nome de UCI Day Cinema Brasileiro, com a exibição de oito longas finalistas do Prêmio Grande Otelo, a ser entregue no dia 4 de agosto, no Teatro Municipal, pela Academia Brasileira de Cinema. Todos os ingressos custam R\$ 10, válido para todos os clientes. Entre as muitas boas iguarias que voltam à cena, encontram-se especiarias amazônicas em “O Último Azul”, que está prestes a comemorar 365 dias de lançamento.

Com cerca de 185 mil ingressos vendidos em circuito nacional, “O Último Azul” não cessa de dar alegrias para o Brasil desde fevereiro de 2025, levando nosso audiovisual planeta adentro, a extremos geográficos da Terra. Transformado em ímã para o olhar estrangeiro depois de conquistar o Grande Prêmio do Júri da 75ª Berlinale, em fevereiro, a produção ambientada na paisagem fluvial amazonense abriu Gramado, agosto passado, e, meses depois, em novembro, foi a o Egito para abrir a 46ª edição do Festival do Cairo. Gabriel Mascaro, seu realizador, conquistou com essa escalção mais prestígio e um lugar estratégico no planisfério audiovisual.

No cardápio do UCI Day tem “O Agente Secreto”, tem “Manas”, tem “Sexa”, tem “Os Enforcados”. Em tão potente seleção,

a brasilidade aflora, com destaque para o CEP da Amazônia, filmada por Mascaro, um diretor

Tudo azul... uma vez mais



Divulgação



Cinemascópio

Premiado em Berlim, ‘O Último Azul’, com Denise Weinberg e Rodrigo Santoro, volta ao circuito um ano depois

‘O Agente Secreto’, sensação em Cannes, também integra a programação

egresso de Pernambuco. “Ventos de Agosto” (2014) abriu a gira de sua consagração.

O esplendor da maior floresta do mundo, enquadrado por Mascaro sob vetores de realismo mágico, deslocou-se do Cairo para a Estônia, porção báltica da Europa, onde “O Último Azul” teve uma sessão no festival POFF Tallin Black Nights.

Às vésperas do carnaval de 2025, a Alemanha referendou o trabalho de Mascaro, que, onze anos atrás, venceu o Festival do Rio e ganhou o Prêmio do Júri dos Horizontes venezianos, no Lido, com “Boi Neon”. Uma ovação em forma de urro contagiou a Berlinale Palast, debaixo de dois graus do frio, ao fim da exibição de “O Último Azul” na

luta pelo Urso de Ouro de 2025. Guadalajara, Sydney, Valladolid e Buenos Aires também exibiram o longa em seus festivais e celebraram a destreza do realizador de “Divino Amor” (2019) ao guiar a câmera por afluentes do Amazonas, driblando os clichês na representação daquela selva.

“Vou da utopia para chegar à distopia”, disse Mascaro ao Correio da Manhã, no Rio Grande do Sul, quando “O Último Azul” abriu o Festival de Gramado, em agosto. “É um ensaio fantástico com a Amazônia em toda sua contradição”.

No enredo que as telonas da UCI conferem segunda e terça, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacio-

nal para “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vivida por Denise em colossal atuação), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... para com ela ser livre.

“Esse projeto foi um presente. Na Amazônia, tudo o que um ator não pode fazer é atrapalhar o roteiro. Para isso, eu escuto o texto”, disse Denise, coroada no México com o prêmio Maguey por sua atuação.

Além de um Urso prateado, esse river movie existencialista ganhou da Berlinale o Prêmio do Júri Ecumênico e um mimo de leitores/as do jornal germânico “Berliner Morgenpost”. Cada uma dessa vi-

tórias atraiu holofotes para Denise, que nunca se deixou encantar pela badalação.

“Aquele cenário era um palco, cheio de árvores, e eu olhava para ele reverente. Há sempre que se ter reverência pelo local em que se trabalha. Ali, a Natureza é muito potente”, explica a atriz.

Destaca-se a presença luminosa de uma estrela (também) hollywoodiana no elenco de Mascaro: o ator petropolitano Rodrigo Santoro. Consagrado com sucessos na TV (“Westworld”), nos streamings (“7 Prisioneiros”) e na telona, entre “Carandiru” (2003), “300” (2007) e o recente “O Filho de Mil Homens”, ele tem uma interpretação visceral em “O Último Azul”. Seu personagem, Cadu, é um barqueiro que corre pelos rios amazônicos com a tristeza de ter perdido uma paixão, sua companheira Deusinha.

“Vejo no filme a importância de um homem tomar contato com sua fragilidade”, disse Santoro ao Correio. “A floresta é professora. Aprendi tanto. Cheguei da cidade totalmente fora da sintonia. Aos poucos, fui sintonizando com o tempo e o espaço daquele lugar. Quando percebi, já estava conectado, escutando os sons da mata nos Igarapés”.

É uma volta mais do que justa às telonas.

A autoralidade ambiciosa de Giulia Be



Visando o mercado global, cantora e compositora lança álbum de 21 faixas dividido em 3 EPs, cada um gravado num idioma diferente

AFFONSO NUNES

A cantora Giulia Be completa um ciclo ambicioso de sua carreira com o lançamento de seu álbum homônimo trilingue — 21 faixas em português, espanhol e inglês, todas compostas por ela. O projeto, bancado pela Sony Music em um contrato global inédito para uma artista brasileira de sua geração, chega como a aposta mais ousada de sua carreira até aqui.



Giulia Be compôs e gravou faixas em português, espanhol e inglês em seu novo álbum

A abertura fica por conta do EP em inglês, com sete faixas inéditas, e do clipe de “911”, balada com piano

que usa a metáfora de uma chamada de emergência para traduzir os efeitos psicológicos e físicos de uma

ruptura amorosa. O registro chega após a passagem de Giulia Be pelo Grammy Museum, em Los Ange-

les, onde se apresentou pela primeira vez na cidade dentro da série The Drop — programa que já recebeu nomes como Olivia Rodrigo, Sabrina Carpenter e Chance the Rapper. Antes disso, a artista passou com seu showcase por Miami, Cidade do México, Lisboa, São Paulo e Madri.

O disco, conta ela, nasce de um mergulho íntimo. Giulia se vê como poeta e contadora de histórias — alguém que transforma vivências, afetos e lembranças em música. As composições tornam-se um retrato de como a artista enxerga o mundo e sente o amor. Algumas faixas foram compostas há nove anos; outras, nos últimos cinco meses.

“Sinto que cada idioma traz uma versão diferente de mim. Esse álbum foi uma forma de todas essas versões existirem juntas e conversarem entre si”, explica.

Cada idioma revela uma faceta distinta de sua identidade, relações e amadurecimento pessoal. A obra transita por ritmos latinos, pop disco e baladas intimistas, sempre a partir de composições assinadas pela própria artista. Por trás do som, um time de produtores de alcance global: Fred Ball (Rihanna, Beyoncé, Madonna, Eminem), M-Phazes (vencedor do Grammy, créditos com Eminem e Madonna), Leroy Clampitt (indicado ao Grammy, produções para Sabrina Carpenter, Justin Bieber e Dua Lipa), Caleb Calloway (mais de 22 bilhões de streams, créditos com Bad Bunny e Rauw Alejandro) e Paul Ralphes, referência do pop brasileiro.

O projeto multilíngue sinaliza que a jovem artista quer ocupar um espaço que, até aqui, poucos nomes do país conseguiram preencher no mercado global. O tempo dirá se a aposta dará certo, mas Giulia deu seu recado.

CRÍTICA DISCO | MAURÍCIO EINHORN - ME

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje tratarei de um trabalho extraordinário, o LP “Maurício Einhorn – ME”. Ao dizer que é extraordinário, tenho dois bons motivos. Primeiro, porque é um álbum de Maurício Einhorn, um dos maiores músicos brasileiros em seu instrumento, a harmônica, mais conhecida como gaita ou realejo. Como ele, apenas Rildo Hora. Segundo, porque é um álbum de 1979, o que difere das pautas desta coluna, que costuma trazer CDs recém-lançados.

Sou admirador do Einhorn desde meu tempo de juventude em Niterói, quando me acostumei a ouvi-lo. Plena de sofisticação e brasilidade, a sonoridade de sua harmônica me tomou. Autor de alguns clássicos, o gaitista carioca construiu momentos de rara criatividade ao lado de nomes como Tom Jobim, João Donato, Paulo

Moura, Eumir Deodato e Baden Powell, dentre outros.

Mais do que um virtuoso, Einhorn se tornou espelho para os que assimilaram e os que ainda assimilarão o seu pioneirismo na gaita brasileira. Com ela, o samba, o jazz, o choro, a bossa nova e o samba jazz alcançaram contemporaneidade eterna. Desde suas melodias, passando pelos improvisos, sua criatividade soa libertária — e sua música se faz perene em vida! O link para escutar o long-play de EM, bem como a sua ficha técnica, estão no final deste texto.

Saca só o repertório: “Batida Diferente” (Maurício Einhorn e Durval Ferreira); “Sarro” (Maurício Einhorn e Arnaldo Costa);



“Alvorada” (Maurício Einhorn, Arnaldo Costa e Lula Freire); “Estamos Ai” (Maurício Einhorn, Durval Ferreira e Regina Werneck); “Brinquedo” (Maurício Einhorn e José Schettini); “Limbo” — Tema para Ron Carter e Jim Hall” (Maurício Einhorn e Arnaldo Costa); “Claus” (Maurício Einhorn e Celso Loch); “Tristeza

de Nós Dois” (Maurício Einhorn, Durval Ferreira e Bebeto Castilho); “Sketch” (Maurício Einhorn e José Schettini) e “Jóia (Joy)” (Maurício Einhorn e Alberto Arantes). Destaque: dentre os instrumentistas presentes está um grande pianista: Nelson Ayres!

Mas o que também me levou a escrever sobre Maurício Einhorn foi o fato dele estar festejando 80 anos de carreira e 94 anos de vida... e que vida! Meu Deus!

E para festejar ele subiu ao palco do Dolores Club, na Lapa carioca, com Marcos Nimrichter (piano), Bruno Aguilar (baixo) e Xande Figueiredo (bateria), mais a participação especial do saxofonista francês Idriss Boudriou, que

estrelaram o show “Maurício Einhorn 94 Anos – Mestre da Harmônica”.

Com brilho nos olhos, fecho a coluna em homenagem ao mestre Maurício Einhorn, um brasileiro que glorifica a nossa música e os instrumentistas brasileiros. Ouça o álbum em <https://acesse.one/lox2m0i>.

Ficha técnica

Maurício Einhorn (harmônica), Nelson Ayres (piano), Roberto Sion (flautas e saxes), Luizão (baixo), Markú (bateria, percussão e vocais), Robertinho Braga (bateria nas faixas 6 e 9); Gege (bateria na faixa 7); Sebastião Tapajós (guitarra). Gravação: Estúdio Havaí, Rio de Janeiro, junho de 1979.

*Vocalista do MPB4 e escritor

AFFONSO NUNES

Em uma adega subterrânea em Tbilisi, capital da Geórgia, repousa um dos acervos vînicos mais raros já revelados ao público. Associada ao líder soviético Josef Stalin, a coleção reúne cerca de 40 mil garrafas históricas produzidas entre os séculos XIX e XX. Agora, parte desse patrimônio deverá ser levada a leilão, despertando enorme interesse do mercado internacional de vinhos raros.

O projeto foi apresentado por empresários e autoridades georgianas, que pretendem vender gradualmente parte do acervo para financiar iniciativas ligadas à educação e pesquisa enológica no país. A coleção permaneceu armazenada durante décadas em uma antiga adega de Tbilisi e inclui vinhos franceses e georgianos preservados desde o período imperial russo, antes da Revolução Russa de 1917.

O anúncio chamou atenção principalmente pela raridade de algumas garrafas. Segundo informações divulgadas por agências internacionais e publicações especializadas, o acervo contém exemplares históricos de Bordeaux, Borgonha e Champagne, além de vinhos tradicionais da Geórgia, considerada o berço mundial da vitivinicultura. Evidências arqueológicas apontam que a produção de vinho na região começou há cerca de 8 mil anos.

Entre os rótulos mais valiosos estão vinhos produzidos antes da crise da filoxera, praga que devastou os vinhedos europeus no século XIX. Essas garrafas são extremamente raras porque representam vinhos elaborados a partir das videiras



Reprodução



Reprodução

Apreciador de vinhos, Stálin ergue um brinde em encontro diplomático com o líder britânico Winston Churchill. Sua adega particular (detalhe) em Tbilisi possui cerca de 40 mil rótulos, a maioria do século 19

O tesouro líquido de Stalin

Cerca de 40 mil rótulos de adega do líder soviético na Georgia serão leiloados após serem catalogados

originais europeias, antes da reconstrução dos vinhedos com enxertos em raízes americanas resistentes à doença.

No mercado de colecionadores, vinhos pré-filoxera são tratados quase como peças de museu. Garrafas desse período, especialmente de

Bordeaux e Borgonha, podem alcançar cifras milionárias em leilões internacionais devido à combinação de raridade, valor histórico e estado de conservação.

A coleção também reúne vinhos georgianos elaborados com castas tradicionais do Cáucaso, como Sa-

peravi e Aleksandrouli. Stalin, nascido na cidade georgiana de Gori, era conhecido pelo apreço aos vinhos de sua terra natal. Um dos estilos frequentemente associados ao líder soviético é o Khvanchkara, tinto semi-doce produzido nas montanhas da Geórgia e considerado um dos

vinhos mais emblemáticos do país.

Outro elemento que aumenta o interesse internacional pelo acervo é a própria tradição vinícola georgiana. Muitos produtores locais ainda utilizam qvevris — grandes ânforas de barro enterradas usadas para fermentação e amadurecimento do vinho — método reconhecido como patrimônio cultural imaterial pela Unesco.

Apesar do enorme interesse histórico e comercial, os organizadores ainda não divulgaram um catálogo completo das garrafas que irão a leilão nem estimativas oficiais de valores. Ainda assim, especialistas do setor consideram que o conjunto pode se transformar em um dos mais importantes leilões de vinhos raros dos últimos anos, tanto pela qualidade dos rótulos quanto pelo peso histórico da coleção ligada a Stalin e à antiga União Soviética.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

Poke de inverno

Com a chegada do inverno e das temperaturas mais baixas, o Let's Poke Leblon apresenta uma novidade no cardápio: o Hot Maui, um poke criado especialmente para a estação. A receita reúne camarão empanado com molho de laranja, arroz negro, edamame, cenoura refogada, abacaxi grelhado e crispy de alho-poró, combinando diferentes texturas e sabores e da culinária havaiana. É uma opção para quem quer aproveitar o inverno sem abrir mão da praticidade que fizeram do poke um dos pratos queridinhos dos cariocas.



Divulgação

Berry proteico

A Berry House, no Leblon, acaba de lançar a linha Berry Bites Protein, ampliando seu portfólio de sobremesas funcionais. A novidade combina frutas, coberturas de chocolate e proteína em receitas desenvolvidas para unir sabor e praticidade. Entre os sabores estão mirtilo com chocolate branco, ao leite e amargo; framboesa com chocolate branco, ao leite e pistache; e banana com pasta de amendoim e chocolate. Os produtos são comercializados em embalagens de 70g e 100g, com preços a partir de R\$ 28.



Divulgação

Café com fitness

O Parque Bondinho Pão de Açúcar e a Bodytech se unem para lançar o projeto Bem-estar no Parque Bondinho, com aulas de atividades físicas ao ar livre seguidas de café da manhã no Morro da Urca. A programação acontece aos sábados, entre julho e agosto, antes da abertura do parque, com modalidades como yoga, dance mix, Infinity Bands e Wolffit. As vagas são limitadas e os ingressos custam R\$ 250, incluindo aula, acesso exclusivo ao parque, café da manhã e ecobag com brindes de marcas parceiras.

FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

Paraty não é só Flip

Todo mês de julho, Paraty muda de ritmo. As ruas de pedra passam a ouvir mais palavras do que passos. Livros ocupam vitrines. Escritores dividem espaço com leitores. Cafés viram salas de debate. A Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, transforma a cidade num grande palco da literatura. É bonito de ver.

Mas Paraty não é só Flip. Basta atravessar uma esquina para descobrir que a cidade continua escrevendo outras histórias, bem antes da primeira mesa literária começar e muito depois do último aplauso.

Enquanto um autor fala sobre romances, um artesão trabalha pacientemente a madeira em sua pequena oficina. Um músico afina o violão para uma roda de choro na praça. Um pintor expõe telas coloridas diante do casario colonial. Em outro canto, um grupo de caixas conta histórias passadas de pai para filho, sem precisar de microfone nem de auditório. Essa também é a literatura de Paraty. Só que escrita sem papel.

O Centro Histórico, com suas ruas de pedras irregulares, parece um livro aberto. Cada fachada branca, recortada por portas e janelas coloridas, guarda um capítulo da história do Brasil. Ali, caminhar devagar não é luxo. É necessidade. As pedras obrigam o visitante a diminuir o passo. E fazem muito bem.

As igrejas surgem como pontos de pausa nessa caminhada. A singela Igreja de Santa Rita, voltada para o mar, talvez seja uma das imagens mais fotografadas da cidade. A Matriz de Nossa Senhora dos Remédios acompanha silenciosamente o movimento das marés e das gerações. Cada altar, cada sino, cada parede de cal branca parece lembrar que Paraty nasceu muito antes das páginas dos livros. E basta deixar o Centro para que outro cenário apareça.

As cachoeiras escondidas na Mata Atlântica oferecem um espetáculo diferente. A água desce limpa pelas pedras, cercada pelo verde intenso da serra. O barulho da correnteza substitui o das conversas. É um convite ao silêncio.

Perto dali os antigos alambiques mantêm viva uma tradição centenária. O cheiro da cana recém-moída, os tonéis de madeira e os pequenos galpões contam uma história de trabalho e paciência. A boa cachaça artesanal, produzida com técnicas transmitidas por gerações, tornou-se parte inseparável da identidade de Paraty. Cada gole carrega um pouco da terra, da água e do tempo.

Durante a Flip, muita gente chega à cidade em busca de escritores famosos. Encontra, sem esperar, músicos nas esquinas, artistas plásticos em ateliês, mestres da cultura popular, cozinheiras que transformam receitas caixas em memória afetiva e guias que narram a história local como quem conversa com um velho amigo.

Paraty tem o raro privilégio de reunir muitas culturas numa mesma paisagem. A literatura encontra a música. A arquitetura conversa com a natureza. O passado divide espaço com o presente. E tudo isso acontece sem disputar atenção.

No fim da tarde, quando a maré invade lentamente algumas ruas do centro histórico e o casario começa a refletir a luz dourada do sol, entende-se que a cidade jamais coube em um único evento. A Flip é uma de suas mais belas páginas, mas está longe de ser o livro inteiro.

Paraty continua encantando quando os escritores voltam para casa, quando as tendas são desmontadas e as luzes dos auditórios se apagam.

Porque seu maior patrimônio talvez não esteja apenas nas conferências, nos autógrafos ou nas mesas de debates. Está no conjunto. Nas pedras gastas pelo tempo. Nas igrejas que atravessaram séculos. Nas cachoeiras escondidas entre a serra e o mar. Nos alambiques que preservam antigos saberes. Na hospitalidade caixas. E, sobretudo, na capacidade de fazer o visitante compreender que algumas cidades não precisam inventar cultura. Elas simplesmente vivem dela.

